

ANTIGUIDADES VARIAS

Por

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA

I — UM NUMISMA PORTUGUÊS DO SENHOR DA BOA MORTE (VILA FRANCA DE XIRA)

Em sessão da secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia (9-IV-64), o Senhor João José Fernandes Gomes apresentou uma comunicação sobre vária matéria arqueológica, na qual distinguimos a parte respeitante ao Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira, com seu conjunto de sepulturas cavadas na rocha — umas dezasseis, que tantas são as que à primeira vista se localizam.

Referiu-se o autor à dificuldade de estabelecer com precisão uma cronologia para o material que ali se encontra, e a nós parece-nos que, na verdade, qualquer hipótese está sujeita a correcção enquanto se não proceder a uma escavação sistemática. No comentário que lhe fizemos, indicámos ao Senhor Fernandes Gomes um elemento que poderá ajudar a datar o conjunto sepulcral, elemento constituído por uma pequena moeda portuguesa, retirada pela pessoa que no-la ofereceu — o filho do guarda do Jardim de Constantino Palha, que nos acompanhou, a mim e ao Dr. Bandeira Ferreira na visita ao local —, juntamente com ossos de uma sepultura. Dissemos então nesse comentário que se tratava de um numisma da primeira dinastia, resultado de rápida observação quando nos foi oferecido, nada mais podendo acrescentar, uma vez que a não tínhamos analisado em pormenor nem

podíamos prever que o autor da comunicação viesse a ocupar-se, desde logo, do conjunto arqueológico do Senhor da Boa Morte, quando o trabalho tinha sido anunciado com título bem diverso.

Pudemos agora estudar a referida moeda, e confirmamos e reforçamos o que afirmámos no comentário: trata-se de um dinheiro comum de D. Afonso III, portanto de 1248 a 1279, primeiro ano de reinado e ano da morte do rei. Nestas datas podemos ainda eliminar alguns anos, pois sabemos, por um documento divulgado por Viterbo e transcrito em Aragão, que D. Afonso III recomeçou a cunhagem da nova moeda em 1 de Abril de 1270, e este é nitidamente um exemplar de dinheiro velho; além disso, D. Afonso III intitula-se *Rex Portugalliae et Algarbii* já em 1268, o que não se reconhece na legenda da nossa moeda.

Conhecida a grande dificuldade de exacta determinação dos *dinheiros* dos Afonsos da 1.^a dinastia e tendo presente a doutrina de Aragão de que pertencem a D. Afonso III todos os dinheiros em que o nome de Afonso está estampado por extenso e em que o monarca se intitula apenas rei de Portugal, temos:

A. : AL FONSV REX

R. : PO RT VG AL

1. Cruz equilateral, cantonada por 2 estrelas e dois crescentes e dentro de um círculo de traço descontínuo.
2. Quinas cortando a legenda, com arruelas nos escudetes.

Devemos notar que não podemos deixar de estranhar o número e a disposição das arruelas, que levamos à conta de cunhagem defeituosa ou efeitos dos séculos ou caracteres particulares deste numisma.

Assim, cremos que o Senhor Fernandes Gomes no trabalho que, por certo, realizará sobre o conjunto arqueológico do Senhor da Boa Morte, poderá, para efeitos cronológicos, anotar que de uma sepultura foi retirado pelo menos um numisma de D. Afonso III, cunhado nos primeiros decénios da 2.^a metade do séc. XIII. Penso que o meio arqueológico não destoa da época referida.

Se bem que insignificante, não nos parece, contudo, inteiramente inútil este apontamento, afinal um testemunho mais, a juntar a tantos outros, da sobrevivência do culto de Caronte e da passagem da lagoa Estígia.

Posteriormente, o Senhor Fernandes Gomes apresentou outra comunicação à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa na qual deu a conhecer novos materiais recolhidos no Senhor da Boa Morte, entre eles algumas moedas portuguesas da 1.^a dinastia e outras romanas, provàvelmente da segunda metade do séc. IV.

19-IV-64.

II — UM PORMENOR NUM EXEMPLAR DE «CINCO REAIS» DE D. SEBASTIÃO

Os *cinco reais*, *Æ.-C.*, de D. Sebastião, são normalmente assim descritos :

A. SEBASTIANVS : I : D : G : P : ET

ALGARBIORVM. Armas do Reino.

R̄. REX # SETVS # DECIMVS. No centro,
entre duas cruzetas, um V.

(Cf. Teixeira de Aragão, I, 279, da nova ed.)

É moeda vulgar, sobretudo a que não tem o carimbo do Açor, e nada de novidade se lhe tem apontado.

Vejo, no entanto, que o nosso exemplar apresenta uma particularidade que não encontramos registada. No anverso, em vez da palavra SEBASTIANVS, lê-se SEBASASTIANVS, o que deve atribuir-se a um erro de cunho.

2-X-65.

III — MARCA FIGULINA

Conforme se lê a pp. 226 do vol. XII d'*O Arch. Port.*, J. J. Nunes, tão conhecido dos estudiosos da língua portuguesa, ofereceu, em Janeiro de 1907, ao Museu Etnológico, «uma asa de amphora romana com a marca figulina: LEVGEN».

Não sei se alguém se teria debruçado sobre a interpretação de tal legenda. Como nota de leitura, sempre direi que ela se me afigura equivalente a:

(*Ex officina*) L(*ucii*) Eugen(*ii*).

De notar, o gentílico *Eugenius* de origem grega.

2-I-65.

IV — NOTÍCIAS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO NO «ANO NOTICIOSO E HISTÓRICO POR LUIZ MONTEZ MATTOSO»

(1740)

As notícias que a seguir se publicam, com breves comentários, são notas de leitura que poderão ter algum interesse para os estudiosos das antiguidades de Portugal.

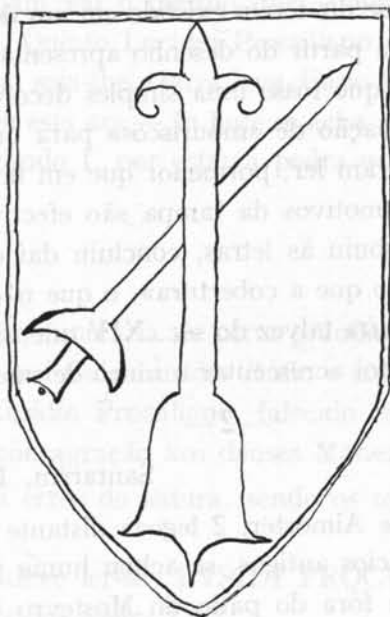
Porque nunca as vimos referidas, contrariamente ao que sucede com outros textos, de igual interesse, divulgados por Leite de Vasconcelos n'*O Arch. Port.*, hoje se imprimem tal como as extraímos, anos há, da edição que do *Ano Noticioso* fez a Biblioteca Nacional de Lisboa em 1934-1938.

— 1 —

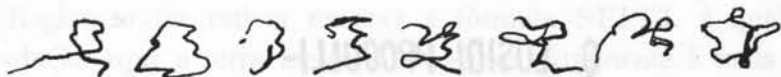
Entre Douro, e Minho

Braga, 7 de Julho

No districto da freguesia de S. Salvador de Trandeyras, termo desta Cidade andando hum rustico na semana passada cavando a terra de huma horta, topou com hum monumento de pedra, e descobrindo-o, achou ser de huma pedra do comprimento de 12 palmos lavrado com folhagens antigas, na cobertura que era de pedra redonda tinha hum escudo, na fr.^a seg.^{ta}



Abrindo o referido tumulo, achou a ossada de hum homem agigantado, e o ferro, com as guarniçoens de huma espada larga, mas furrigenta: em hum dos (*sic*) divizavão os seg.^{tes} caracteres.



Os quaes por nam serem conhecidos, senam souberam ler: parecem ser Mouriscos; mas as Armas sam mais modernas, do que se colhe, que a caixa he mais antiga do que a cobertura, e que descobrindo-a o que nelle se mandou sepultar, faria lavrar o Escudo na nova cobertura. Este signal da antiguidade mal-logrou logo o rustico, porque para tirar da horta a pedra, a fez em pedaços, servindo lhe de acrescentar o muro da horta.

(II, pp. 13-14.)

[Tratar-se-á da descrição de uma sepultura medieval?

Os caracteres que se diz terem existido em um dos lados da espada são hoje indecifráveis a partir do desenho apresentado, se de letras se tratava. Nada impede que fosse uma simples decoração.

Registe-se a designação de «mouriscos» para uns possíveis caracteres que se não souberam ler, pormenor que em nossos dias ainda se verifica. E porque os motivos da tampa são efectivamente de época posterior à que se atribuiu às letras, concluiu daí o redactor «que a caixa he mais antiga do que a cobertura», o que não deve ser exacto.

Enfim, uma sepultura talvez do séc. XIV que, como tantos outros monumentos vetustos, foi acrescentar o muro de uma horta.]

— 2 —

Santarém, 17 de Agosto.

Junto do Lugar de Almoester, 2 legoas distante desta Villa, onde se vem ruínas, de edificios antigos, se achou huma pedra, que se poz na parede da parte de fóra do patio do Mosteyro das Religiozas de S. Bernardo com 3 palmos de largo, e quatro e meyo fora da parede, e em hum canto quebrada. Nella se lê a seguinte inscripção.

D. M.

Q. LUSIDI PPOCULLI-

ANI QUI. H. SE. AN.XII.

S. E. I., T. L.

C. LUSIDIUS RUFUS

PATER ARAM.

P. C.

A qual incripçam val o mesmo que — Memoria consagrada aos Deozes dos mortos. Quinto Lucidio Proculiano jaz aqui sepultado em idade de doze annos, seja-lhe a terra leve. Cayo Lucidio Rufo, seu pay, lhe poz, e consagrou esta ara — Ja hoje se acha adicção (*sic*) XII, com diminuiçam do segundo I. por estar a pedra quebrada.

(II, 45-46.)

[É uma incrição funerária de certa grandiosidade, mandada gravar numa ara pelo pai Gaio Lusídio Rúfio e colocada na sepultura de seu filho Quinto Lusídio Proculiano, falecido com 12 anos de idade, e com a habitual consagração aos deuses Manes.

Contém alguns erros de leitura, sendo os mais evidentes :

l. 2: deve ler-se: LVSIDI PROCVLLI;

l. 3: deve estar: QVI;

l. 5: deve estar: LVSIDIVS RVFVS.

Assim, o nome do pai será Gaio Lusídio Rufo. *Rufius* é prenome e não cognome; a menos que admitamos tratar-se de um prenome usado como cognome.

Registe-se (se estiver exacta) a fórmula SEI-TL a qual exige a tradução «que a terra lhe seja leve», contrariamente à mais vulgar S-T-TL que só admite uma tradução: «que a terra te seja leve».

Note-se também o uso da palavra *ara* (as mais das vezes o objecto directo do verbo *ponere* ou *facere* ou *dedicare* ou outros não vem expresso), como nos exemplos citados n' *O Arch. Port.*, XI, p. 357.

Deslocámo-nos lá em 9-X-65 e em vão tentámos localizar a incrição. Receamos mesmo que, se não foi removida para lugar seguro, se tenha perdido para sempre. A topografia foi totalmente alterada por novas construções e o uso do reboco em grossas camadas nos muros e paredes pode ainda tê-la occultado. Disseram-nos lá que há cerca de dez annos se efectuaram obras de restauro e consolidação pelos Edifícios e Monumentos Nacionais as quais se não concluíram. Hoje pode ainda

admirar-se o que resta dos altares de bela talha dourada, dos azulejos primitivos e das pinturas murais, do magnífico claustro, não passando despercebida ao observador a colecção de pedras tumulares, algumas delas ricamente trabalhadas e o seu aproveitamento em diferentes épocas. Pedras há com decoração nitidamente medieval (e inscrição), aproveitadas mais tarde nos séc. XVI, XVII e XVIII para novos enterramentos, como se vê das diferentes datas e nomes que a mesma pedra encerra.

Esta inscrição vem ainda citada em Marinho de Azevedo, *Fundação... de Lisboa* (Lisboa, 1753) de onde foi transcrita por Levy Jordão (n.º 648). As lições destes parecem-nos mais exactas.]

—3—

Santarém, 21 de Julho.

Consertando-se agora o adro da Igreja do Convento de S. Domingos desta Villa, se achou a hum canto q. esta antes de se entrar pela porta principal, hum carneyro grande cheyo de ossos, que parece haver sido depozito dos que se descobriram, quando no anno de 1600 se reedificou a mesma Igreja. Também no mesmo adro descobriram 4. campas de sepulturas, huma com escudo de armas, e as outras com outros signaes, distinctivos da Nobreza antiga, antes de se uzarem os Escudos, e Armas.

Também no Claustro do Convento de São Francisco desta mesma Villa, de Religiozos da Provincia de Portugal, está huma pequena pedra na parede junto da porta, q. dá entrada para a Igreja, e nella se via huma inscripçam, de caracteres gothicos, que nam podiam ler; porem nós o examinamos, lendo-o desta sorte.

Aqui: jaz: Pedre: aões: cara-

[maros: que:

passou: en: Portaleg: FUI: pos-

[tumeiro: de

Maio: en: outro: dia: daceco:

[*E: M: ccc:*

XXXVII: ano: a alma: do q^l.:

[*leve: Deus: ao*

Paraiso: âm. [Anno de 1299]

Este Pedreannes, de que falla aquella pedra parece ser Pedreannes Cabral, de que faz memoria hum contrato, que o Infante Dom Afonso, filho delRey D. Afonso 3º, senhor de Portalegre, fez com a Ordem, e Convento de Aviz, sobre certos bens, que tinha em S. Vicente de Elvas na Era de 1326, que he o anno de 1288, como se pode ver na 3. p. da Monarquia Lusit. l. 5. c. 36. fol. 234.

(II, pp. 19-20.)

— 4 —

Santarém, 25 de Agosto.

Lavrando hum rustico do Lugar de Val de Figuiyra (*sic*), termo desta Villa, em huma terra no limite do mesmo lugar para semear trigo, sentiu pegar a folha da charrua, que he o instrumento, que abre a terra, em materia mocissa, e nam podendo ter man na furia dos boys, se arrancou hum ladrilho de barro cozido, muyto grãde, muyto grosso, e muyto cozido. O que vendo o lavrador, assentou com sigo, que era o homem mais feliz da sua terra, porque havia tido a ventura de lhe descobrir a Fortuna huma mina de ouro, ou prata, com que ficaria rico, e toda a sua geraçam, sem o trabalho de merecer o sustento com o suor do seu rosto; e com esta consideraçam, ceivou os boys, e mandou o criado cõ elles pastar para outra terra distante. Tanto que se achou só, começou de cavar, e a pouco custo deu com edificio, de que o tijolo se tinha arrancado: foy arrancando outros até que fez hum buraco capaz, por onde viu huma admiravel caza toda de abobeda subterranea, que provavelmente a continuacam dos

tempos, e o movimento da terra devia de a enterrar. Continuou com huma picareta na demoliçam daquelle admiravel edificio da veneranda antiguidade até o desfazer, aproveitando-se do tijolo para lhe servir em alguma parede, sem achar mais algum signal da riqueza, que a sua imaginaçam lhe propunha poderia ali achar. Em outro sitio pouco distante se havia descuberto, andando-se cavando em huma terra, para se meter de bacello, huma pedra quadrada de 8 palmos de comprido, e 2 e meyo de largo em cada face, muldurada, e na superficie hum vam de hum palmo em quadro, e palmo, e meyo, de fundo, no qual se havia depozitado as cinzas do corpo, que queymára para se sepultar, como era costume da antiga gentildade: em huma das faces, que estava algum tanto gastada da parte direyta se lhe divizava a seguinte inscripçam.

D. M.
 Q. QUIRIN. RUF.
 DEB. ROM.
 AETER. IMPER.
 M. AUREL. M.
 MILES
 ANN. XXXXII.
 VIX.
 ANT. H. M. C. P.
 S.T.T.L.

Esta pedra levou o dono da terra para sua caza, aonde hum curiozo lhe tirou a inscripçam, e lhe recomendou muyto a nam mal-lograsse. Passados poucos dias fazendo hum forno de cozer pam,

a mandou assentar na boca delle, onde o fogo a fez estallar, de maneyra, q. se acha afogueada, quebrada, e negra sem lhe divizar letra alguma.

(II, pp. 53-54.)

[Inscrição funerária de muito interesse mas cujo destino desconheço. A transcrição não está exacta. Sem o original à vista, não é prudente propor uma lição, tanto mais que o formulário se afasta do tradicional.]

— 5 —

Alanquer, 14 de Setembro.

HE grande lastima, que havendo nesta antiquissima Villa algumas memorias do tempo, em que os Romanos a dominaram antes do nascimento de Jezus Christo, que a fazem mais nobre, se aproveytem tam pouco della os seus moradores, que tem deyxado perder humas, e vam perdendo outras, quando todas deviam ser abertas em eternos bronzes para perduravel testemunho da sua grandeza, e para obsequiozo respeyto da sua antiguidade. Conserva-se debaixo do alpendre da Igreja de Triana huma pedra de quazi quatro palmos em quadro, aqual era huma rara memoria daquelle tempo: foy tirada daquelle lugar; e quando devia de ser collocada em alguma parede para que constasse da nobreza desta povoação, foram tam barbaros, ha pouco tempo, a puzeram no pavimento de huma escada de pedra, pela qual se servem humas cazas, q. estam na traveça, que estam na fonte de Triana para a mesma Igreja; e he certo, que em breves annos se virá agastar com a frequencia da passagem de maneyra, que se nam poderám ler os seus caracteres, e por isso hum curioso a copiou para a enviar á Academia Real da Historia Portuguesa, e he desta maneyra:

ATINIAEL FAMOENAETUSCIM.

TERENTIO M.F.GAL.AQUILAE

TERENTIAE M.F.TVSCAE M.º

TERENTIVS TVSCVS SVIS F. C.

Na Quinta de Joam de Souza chichorro, termo desta Villa esta ha poucos annos huma meya coluna redonda, a que os Romanos chamavam Lipo (*sic*), sendo de seu pay André Bravo, que a estimava como antiga, mas agora anda arrastada pelo cham, na horta chamada delRey, junto ao rio, que possui o mesmo Joam de Souza Chichorro, memoria sem duvida de grande estimaçam, e de se collocar em lugar decorozo: conthem o referido a seguinte inscripçam.

IMP. CAES.
DIVI TRAIANI PARTHI-
CIF. NERVAE NEPOS TRA-
IANUS HADRIANUS AUG.
PONTIF. MAX. TRIB. POT.
XVIII. COS. III. PP. REFECIT.

Ha poucos tempos, que na sobredita Quinta descobriu hum rustico andando lavrando, sepulturas, e arcas de pedra com ossadas, que denotavaõ antiguidade; e ainda agora se vem vestigios de hum magnifico edificio no curiozo pavimento de huma caza, que hoje está servindo de adega.

(II, pp. 73-75.)

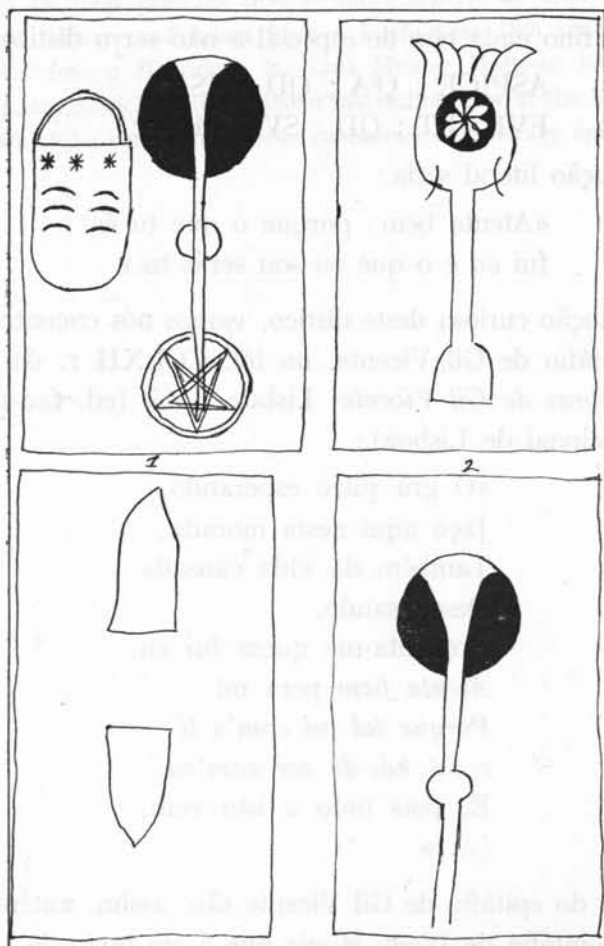
[Trata-se de dois textos já conhecidos e estudados e que ainda hoje se conservam. O primeiro pertence ao Museu de Alenquer e o segundo está no Museu do Carmo e foi estudado por Francisco Câncio em *Ribatejo*, pp. 305-306. Há erros nas duas transcrições.]

— 6 —

Santarem, 29 de Dezembro.

Hum Religiozo Dominico do Convento desta Villa tomou por empreza, e por devocam a limpar o adro da sua Igreja, endireytando-o, e concertando-o: nesta louvavel occupaçam descobriu algumas sepulturas, de que se nam sabia, e a terra cobria; porem como ne-

nhuma tinha epitáfio, se nam poude saber de quem eram, não havendo duvida de serem muy antigas: achou hum grande depozito de ossos, denotando ser aquelle lugar cemiterio sô para elles: entre as muytas sepulturas, que encontrou, humas lizas, outras quebrados, as que tinham mais, q. notar, sam as quatro seguintes.



(II, p. 165.)

[Sepulturas medievais?]

Outubro de 1965.

V — AINDA ACERCA DE UMA INSCRIÇÃO DO MUSEU DO CARMO

Na sua excelente colectânea de *Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo*, (2.^a ed., Lisboa, 1936), o saudoso epigrafista, Senhor José Maria Cordeiro de Sousa, publicou, a p. 10, o epitáfio de Diogo Moniz, do qual se ocupara já Borges de Figueiredo a pp. 109-110 do vol. I da *Revista Archeologica e Historica* (Lisboa, 1887).

O texto latino nada tem de especial a não ser o dístico :

ASPICE : Q' A : QD : ES :
FVI : ET : QD : SV : ERIS :

Em tradução literal seria :

«Atenta bem : porque o que tu és
fui eu e o que eu sou serás tu.»

Mas, tradução curiosa deste dístico, vamos nós encontrá-la no tão conhecido epitáfio de Gil Vicente, no fól. CCLXII r. da *Copilaçam de Todas as Obras de Gil Vicente*. Lisboa, 1562 (ed. fac-similada da Biblioteca Nacional de Lisboa) :

«O grã juízo esperando,
Jaço aqui nesta morada,
Também da vida cansada
Descansando.
Pregunta-me quem fui eu,
Atenta bem pera mi
Porque tal fui com'a ti
e tal hás-de ser com'eu.
E, pois tudo a isto vem,
[....]»

Os versos do epitáfio de Gil Vicente são, assim, autêntica versão do dístico do epitáfio de Diogo Moniz que é um texto de 1191.

Creemos, pois, que aqueles versos poderão representar, como já o sugeriu Borges de Figueiredo, um *locus communis* da epigrafia sepulcral.

Junho de 1969.

A B S T R A C T

The Author begins a series of studies on sundry ancient topics and, first, discusses a coin from the reign of king Alphonse III of Portugal; next, he studies a *cinco reais* piece from the time of king Sebastian; he discusses a maker's marking seen on an *amphora* at present kept in the National Museum of Archaeology; he then presents several short reports of interest pertaining to archaeological matters and taken from a Portuguese 18th century publication, the «Ano Noticioso e Histórico» by Luiz Montez Mattoso; lastly, the Author discusses a Latin dystich included in an inscription now at the Museu do Carmo, in Lisbon, which he considers a *locus communis* of funerary epigraphy.

V — ALINDA MEXICA DE UMA BOLA DE TAMBORIM DO CAJUEIRO

Na sua excelente colecção de *Ja. crupis. Portugaliae de Mexico* (1919) José Leite de Vasconcelos reproduz a seguinte canção cantada em Cajueiro, perto de São Paulo, em 1890, e que ele transcreve com o seguinte texto: «Alinda deiti porque o que tu és / tal eu e o que eu sou, seja tu.» Mas, tradução crónica deste dialecto, vamos não esquecer que os dois conhecidos epitáfios de Gil Vicente, no *1.º. CAIXIL. e do Capitulo de Pedraes Oito*, de *Gil Vicente. Obras, 1962* (ed. fac-similada da Biblioteca Nacional de Lisboa) :

«O grã julia expirado,
 Jace aqui nesta curado,
 Também do vilho curado,
 Dezanando,
 Pergunta-me quem foi eu,
 Alinda deu por eu
 Porque tal foi eu e tu
 e tal fado se deu eu.
 E, por toda a sua vida,
 ... »

Os versos do epitáfio de Gil Vicente são, na sua, a primeira versão do dialecto do epitáfio de Diego Moir, que é um verso de 1199.

Curiosos, pois, que aqueles versos poéticos representem, como é o caso da *Burga de Ripollés*, um tipo conhecido de epigrama sepulcral.

Junho de 1969.